

Rio



NAS AREIAS DE SÃO CONRADO

Foragido de Goiás é preso na praia

Acusado de homicídios e de ser um dos chefes do CV estava escondido na Rocinha



# 24 HORAS DE HORROR

No intervalo de um dia, três mulheres são vítimas de violência brutal; duas morreram



Wanessa Gonçalves de Oliveira, 37 anos. Atacada com uma garrafa de vidro



Michele Pinto da Silva, 39 anos. Queimada viva na estação de trem



Agatha Marques, 26 anos. Bateada na rua, segue internada em estado grave

BRUNA MARTINS E  
ROBERTA DE SOUZA  
globo@globo.com

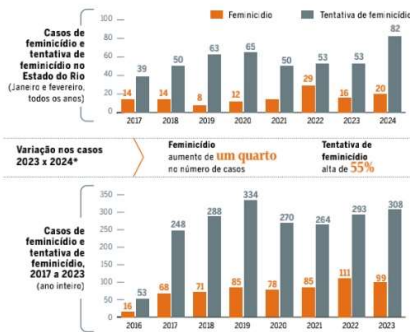
Ao longo do domingo e da segunda-feira passados, Michele, Wanessa e Agatha foram vítimas de violência brutal no Rio. Os suspeitos dos ataques às três mulheres são ex-companheiros, movidos por ciúmes ou insatisfação com o término do relacionamento. Mães, moradoras das zonas Norte e Oeste da cidade, todas elas tinham histórico de agressões físicas e verbais sofridas. Duas engrasaram as estatísticas de feminicídio no estado — uma delas foi queimada viva —, e a terceira segue internada em estado grave. O horror concentrado em cerca de 24 horas reflete tendência apontada por dados do Instituto de Segurança Pública (ISP), que contabilizou, em janeiro e fevereiro deste ano, 20 feminicídios: número, 25% superior ao registrado no mesmo período de 2023.

## MICHELE

Ao longo dos dois primeiros meses do ano, segundo o ISP, ligado ao governo do estado, também houve 82 tentativas de feminicídio (outra 55% superior à do mesmo intervalo do ano passado, que acumulou 53 crimes), que marcam um triste recorde na série histórica iniciada em 2017. A trágica história de Michele Pinto da Silva, de 39 anos, não entra nessa conta. Há quase dois meses, ela se separou de Edmilson Félix do Nascimento, 44 anos, com quem viveu por oito anos e teve uma filha de 6. Na segunda-feira passada, foi deixada sozinha na casa dos seus avós paternos, em Campo Grande — desde que se separou, uma medida protetiva deveria manter o ex-marido distante. No dia 17 de fevereiro, ela registrou boletim de ocorrência contra Edmilson, afirmando que ele havia entrado na casa dela e “quebrado tudo” ao suspeitar de uma traição.

Depois de deixar a criança, Michele voltou para a estação de trem Augusto Vasconcelos,

## OS NÚMEROS DE UM CENÁRIO DE BARBÁRIE



## As delegacias do Estado do Rio que mais registraram casos em 2023



no bairro. Enquanto esperava na plataforma, foi surpreendida pelo ex-companheiro, que jogou combustível sobre seu corpo e ateou fogo. O crime foi gravado em vídeo, junto com o desespero de testemunhas e tentativas da vítima de se livrar das chamas, rolando no chão, por um minuto, antes de perder a consciência. Michele foi atendida no Hospital Rocha Faria, transferida para o Pech II, onde passou dois dias, antes de morrer, na noite de ontem, com 90% do corpo queimado.

De acordo com a polícia, no dia do crime, Edmilson — que fugiu correndo pelos trilhos — não foi trabalhar e galões de gasolina foram encontrados em sua casa. Depois do ataque, Edmilson mandou mensagens para amigos em tom de despedida, e avisou à irmã que havia

engolido veneno e iria cometer suicídio. Seu carro foi encontrado na Ponte Rio-Niterói. Desde então, o Corpo de Bombeiros faz buscas na Baía de Guanabara, mas seu corpo não foi encontrado. Assistua na Igreja Fé para Todos, em Del Castilho, Michele foi batizada dois dias antes do crime, na tarde de sábado. No domingo, participou de sua primeira ceia, cerimônia importante na comunidade evangélica.

— São três filhos que vão crescer sem mãe, sem o cuidado e a presença dela. As mulheres precisam se proteger desde o primeiro sinal de violência, não podem acreditar

que o agressor vai mudar, melhorar, porque isso não vai acontecer — reforça Carla Pinto da Silva, irmã de Michele.

## WANESSA

Em um apartamento na Rua Quinze de Agosto, no Jacareizinho, a briga de casal chamou a atenção dos vizinhos na tarde de sábado. “Falei pra tu não me encostar a mão, tá maluca?”, teria dito um homem, identificado como Gleison Batista. A pergunta dirigida à namorada, Wanessa Gonçalves de Oliveira, de 37 anos, com quem dividia o endereço havia dez meses. A discussão durou até a madrugada de domingo, quando um som de “panelada seca”, como narra o inquérito policial, antecedeu um longo silêncio. O corpo de Wanessa só foi encontrado às 15h da

quele dia, com sangramentos e cortes profundos na cabeça. A arma do crime seria uma garrafa de cerveja, de vidro, vista com Gleison quando ele chegou, ainda no sábado, ao apartamento. Segundo os vizinhos, estava “visivelmente alcoolizado”.

O homem, que trabalha como jardineiro, fugiu e se escondeu em outra residência na comunidade. À família, teria admitido ter matado Wanessa e disse estar com medo de se entregar à polícia, exigência feita até pelo tráfico de drogas local. A Delegacia de Homicídios aguarda permissão judicial para prendê-lo. Wanessa era mãe de duas filhas adultas e trabalhava como diarista. O corpo foi liberado no Instituto Médico-Legal na segunda-feira, por parentes que atribuem o crime a ciúmes. Eles também contam que o relacionamento sempre foi conturbado.

## AGATHA

Naquele mesmo domingo, Agatha Marques, de 26 anos, foi vítima de tentativa de feminicídio em Realengo, na Zona Oeste, e segue internada em estado grave no Hospital Municipal Pedro II, em Santa Cruz. Segundo testemunhas, andava na rua quando foi alvo de disparos, sendo atingida na cabeça. A suspeita é que o crime tenha sido cometido por um ex-namorado, inconformado com o fim da relação. Nas redes sociais, Agatha, especialista em sobrancelhas, compartilhava momentos em família, com os dois filhos pequenos, de 2 e 5 anos. Policiais da 330ª DP (Realengo) tentam localizar o suspeito.

A Polícia Civil lista a existência de 14 delegacias especializadas no atendimento à mulher e a importância de as vítimas procurarem ajuda, que também é disponibilizada pela Polícia Militar, por meio da Patrulha Maria da Penha. A instituição lembra da existência do aplicativo para celular Rede Mulher, que oferece um botão de emergência e contato direto com o 190.